

Estoques altos e consumo baixo freiam altas abusivas

Somente os produtos totalmente importados deverão ser corrigidos pela valorização integral do dólar

Flávia Oliveira e Ledice Araujo

• As padarias já foram informadas pelas indústrias sobre os reajustes entre 21% e 26% da farinha de trigo, como reflexo da desvalorização do Real. Os comerciantes que compravam o saco de 50 quilos a R\$ 23 passarão a pagar R\$ 28 ou R\$ 29, dependendo do moinho. Mas o consumidor deve estar atento aos preços e não aceitar reajustes do pão francês acima de 11%, que seria o impacto máximo da valorização do dólar com a cotação de R\$ 1,90, registrada ontem.

Padarias pensam em reajustar o produto em até 16%

O alerta de técnicos do setor visa a evitar altas abusivas, considerando que a farinha tem o peso de apenas 20% no custo de produção do pãozinho (50 gramas). Ainda confusos com os cálculos, alguns padeiros já pensam em subir o produto de R\$ 0,15 para R\$ 0,17 (13%); quem já cobra R\$ 0,18 quer passar para até R\$ 0,21, aí com uma elevação de 16,6%. Como os reajustes dos moinhos ainda não se basearam nas últimas cotações do dólar, estes aumentos são considerados injustificados e poderão refletir

O IMPACTO MÁXIMO ESTIMADO DA VALORIZAÇÃO DO DÓLAR			
Produtos	Peso da importação	Reajuste com dólar a R\$ 1,70*	Reajuste com dólar a R\$ 1,90*
Pão francês	20%	8,1%	11,4%
Massas	45%	18,2%	25,6%
Biscoitos	30%	12,1%	17,1%
Macã argentina	100%	40,5%	57%
Azeite	100%	40,5%	57%
Bacalhau	100%	40,5%	57%
Energia	20%	8,1%	11,4%

Fonte: FGV, SAE, Indústrias
* A cotação de R\$ 1,70 reflete valorização de 40,5% da moeda americana sobre o Real, desde 12 de janeiro; e a de R\$ 1,90 mostra alta de 57%.

na queda maior das vendas.

— Ainda tenho estoque e enquanto der vou segurar. No verão, o movimento sempre cai 20% e uma alta agora afastaria mais fregueses — disse Alexandre Martins, da Panificação Gávea House, onde o pão custa R\$ 0,18.

Os varejistas alegam não é apenas a farinha que vai pesar mais no custo. Dizem que a energia elétrica, papel fermento e até o IPTU estão encarecendo a produção do pão. Mas como alternativa para enfrentar os reajustes, os consumidores podem recorrer às padarias dos supermercados, como a do Princesa, onde o pão sai por

R\$ 0,10 — ou seja até 80% menos que nas padarias da Zona Sul.

Nos casos do arroz e feijão, os varejistas e produtores também não têm razões para reajustar os preços de imediato. As safras desses dois produtos serão 30% maiores este ano e as novas remessas importadas só serão negociadas no fim do semestre. No caso do arroz, as compras de fora representam apenas 10% e do feijão 15%. Quem está aguardando remessas compradas no fim do ano passado terá que suportar a alta porque a oferta no mercado interno tende a melhorar.

O economista Luiz Elias Marce-

lino, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor do Rio (IPC-RJ), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), assinala que o preço final dos produtos importados tende a acompanhar integralmente a valorização da moeda americana. Assim, a maçã argentina, o pêssago chileno, o kiwi neozelandês, a pêra americana, o azeite português ou espanhol e o bacalhau norueguês podem sofrer reajuste de até 57% nos supermercados, se a cotação do dólar ficar mesmo em R\$ 1,90.

— Essas mercadorias são cotadas em dólar. Por isso, o impacto é imediato. Já os produtos que têm participação de insumos estrangeiros tendem a ter aumentos proporcionais — salienta.

FGV prevê IPC de 8,78% para este ano no país

Os técnicos da FGV estimam que, se a alta do dólar se estabelecer em 30%, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) ficará em 8,78% no ano. Isso porque o peso dos produtos e insumos importados na taxa chega a 29%.

A consultoria Tendências, contudo, é mais pessimista. Ontem, a economista Rita Rodrigues, especializada no acompanhamento dos preços, reviu as projeções

para a inflação de 1999. Para ela, o IPC da Fipe, que considera o custo de vida em São Paulo, ficará em 12% no ano.

IGP-M de janeiro sai hoje sem contaminação do câmbio

Já o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), calculado pela FGV, pode variar 20% até dezembro. Rita prevê que o ponto máximo da inflação deste ano será atingido em março, quando a taxa da Fipe atingirá 3,2%.

— O país tende a voltar aos patamares de inflação de 1995. Apesar do desaquecimento da economia, a memória inflacionária pode trazer de volta a indexação. Já estamos esperando alguns aumentos preventivos de mercadorias e serviços que não dependem do dólar, caso dos novos contratos de aluguel — diz Rita.

Hoje, FGV divulgará o primeiro IGP-M do ano. A taxa de janeiro, contudo, não deve mostrar impacto da desvalorização do real sobre os preços. Isso porque, o índice foi apurado entre os dias 21 de dezembro e 20 de janeiro, quando o impacto da alta do dólar ainda não estava computado nos preços. Possíveis aumentos devem ser atribuídos a tendências sazonais. ■